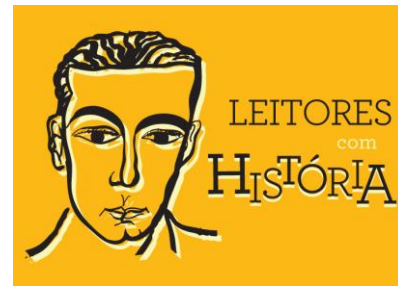


CASCAIS | LEITORES COM HISTÓRIA

Miriam Halpern Pereira é uma figura de referência da historiografia portuguesa das últimas décadas, desde a altura em que publicou o seu primeiro livro intitulado *Livre-Câmbio e o Desenvolvimento Económico em Portugal* (1971). O seu nome é indissociável do ISCTE – IUL, Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa/Instituto Universitário de Lisboa, onde ingressou em 1972 e formou uma equipa dedicada à história moderna e contemporânea. É também indissociável da criação em 1983 da revista *Ler História*, uma das mais importantes revistas portuguesas na área e uma referência não só para gerações de alunos, investigadores e historiadores, como também para o demais público interessado numa abordagem acessível mas rigorosa de temas de História e das Ciências Sociais.

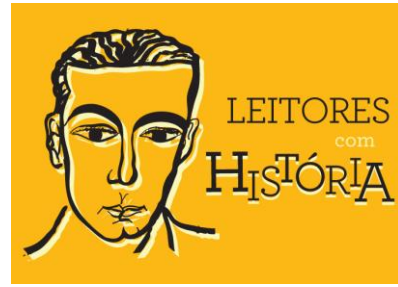
É sabido que os historiadores têm também a sua própria história. Como profissionais especializados que são, muitos têm procurado perscrutar essa mesma história pessoal e a sua habitual miríade de circunstâncias e influências, para melhor compreender ou justificar as escolhas subjacentes aos seus itinerários profissionais. Miriam Halpern Pereira não é exceção: com uma carreira de mais de 50 anos como historiadora, tem, em algumas das suas mais recentes entrevistas, revelado certos aspetos que poderão ajudar a explicar a génese do seu gosto pela História e a sua particular apetência pela área da História Económica e Social, mesmo que, com o seu ceticismo de historiadora, não deixe de encarar com a necessária prudência essa potencialmente enganadora relação causa-efeito. Porventura porque, mais agudamente do que ninguém, saberá que a memória é acima de tudo uma construção, e que por maior objetividade que se procure dar a esse exercício retrospectivo, há sempre pequenas histórias secundárias que, quando menos se espera, podem irromper nos locais mais improváveis e, bem assim, desencadear recordações saborosas. Episódios de improvável influência no caminho profissional que mais tarde se seguiu mas, ainda assim, importantes do ponto de vista da memória afetiva e esclarecedores quanto à possibilidade de algo sempre nos poder escapar na perceção que temos da realidade nossa contemporânea.

Foi precisamente uma destas circunstâncias fortuitas que nos conduziu até à Professora Emérita Miriam Halpern Pereira. No âmbito de um estudo mais aprofundado sobre o papel do escritor Branquinho da Fonseca durante o exercício do cargo de Conservador no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães em Cascais, tiveram os autores destas linhas oportunidade de recuperar o primeiro livro de registo de leitores daquela que foi a primeira biblioteca pública do concelho em 1942. Uma das centenas de linhas manuscritas do livro que ordenadamente identificavam quem se ia inscrevendo como leitor registava o nome de Miriam Halpern. O ano era o de 1949. Animados pela curiosidade de saber se esta pequena Miriam (a



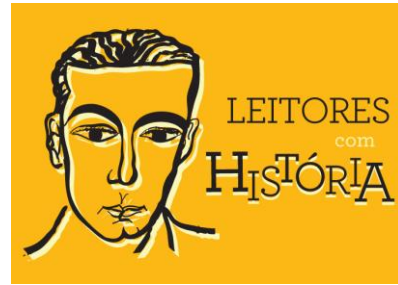
caligrafia sugeria um carácter juvenil) seria a influente historiadora Miriam Halpern Pereira (declaração de interesses: os autores destas linhas são formados em História...) e em que contexto surgira esta ligação ao concelho de Cascais, fomos à procura de respostas: primeiro pesquisando a bibliografia e os documentários disponíveis; depois contactando a própria, que dispensou a estes dois técnicos camarários temporariamente travestidos de jornalistas amadores um amável e paciente acolhimento. Quando numa tarde abrasadora de calor nos encontrámos num fresco gabinete do ISCTE, já sabíamos que aquela inscrição como leitora na Biblioteca de Cascais em 1949 correspondia de facto à Professora Miriam Halpern Pereira, que, ademais, era filha da terra: nascera em 1937 no coração de Carcavelos, numa casa da rua 5 de Outubro, onde viveu até aos quatro anos de idade. Nessa altura, por volta de 1940, a vida da pequena Miriam conheceu uma reviravolta impressionante: no ano em que as tropas de Hitler marcharam sobre Paris, anexando uma boa parte da França, a família Halpern, de origens judaicas e eslavas, deixava o concelho e o país em direção a Havana, Cuba, onde se refugiaria até ao final da guerra. Apesar da propagandeada neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial, o receio de uma invasão da Península Ibérica pelo ditador alemão era então bem real, possibilidade que alguma historiografia recente tem vindo a revelar. O curioso é que por esta mesma altura o movimento inverso era também uma realidade: no preciso momento em que a família Halpern deixava o país, muitos aí chegavam das mais diversas partes do mundo, com predominância para os vários países em conflito. Portugal era na Europa em guerra de então uma das poucas rotas intercontinentais ainda disponíveis, e os hotéis da região turística do Estoril transbordavam de estrangeiros em trânsito, entre refugiados, diplomatas, militares, agentes governamentais e dos serviços secretos.

No final da guerra, a família Halpern regressaria a Portugal, desta feita optando por residir na capital Lisboa, mas reataram o contacto com os antigos amigos de Cascais, as famílias Pessoa, Ramos de Almeida e Raposo. A ligação afetiva ao concelho de Cascais manter-se-ia, assim, durante as décadas subsequentes, mas como um lugar reservado ao tempo de férias e, por isso, associado às melhores recordações que se pode conservar de uma época em que os dias parecem não ter fim: Miriam Halpern Pereira evoca com notória satisfação os momentos passados à beira-mar na região entre Carcavelos e a Bafureira, o tempo despendido na apanha de minúsculos camarões na praia do Estoril, na recolha de pinhões no pinhal junto à Igreja de Santo António (também no Estoril), nos passeios de bicicleta, nas visitas à piscina do Hotel do Parque e nos concursos de saltos de cavalo no Hipódromo, de que gostava particularmente. Como o seu pai tinha ideias bastante definidas sobre o que deveriam ser as férias de família, parte destas era passada no campo e parte na praia. Outra regra essencial: parte deveria ser passada num hotel para dar descanso à mãe. No que ao concelho de Cascais diz respeito, a zona hoteleira por excelência da região era no Estoril, circunstância que ditou a deslocação da pequena Miriam do seu local de nascimento para o mais longínquo eixo de Estoril-Cascais. E é



precisamente quando se encontra hospedada no Hotel Monte Estoril que, em julho de 1949, Miriam Halpern, então com 12 anos, se regista como leitora da Biblioteca do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, juntamente com a sua irmã Sónia. Dois anos antes, sensivelmente pela mesma altura do ano (férias de verão), também a sua outra irmã, Ana, se inscrevera como leitora - aparentemente, para as manas Halpern, férias bem passadas eram também sinónimo de boas leituras! Ao folhear as páginas do livro de registo da Biblioteca, a Professora Miriam Halpern Pereira detetou ainda, para além de outros conhecidos e familiares (como os primos Manuel e Carlos Halpern, que também residiam em Lisboa e passavam férias em Cascais), a inscrição como leitor em setembro de 1948 de Nathan Mucznik, que viria a ser seu cunhado. Não deixa de ser reconfortante ver um simples e anódino registo de leitores de uma Biblioteca iluminado por todo um universo de relações familiares e afetivas.

Chegados a este ponto, forçámos um pouco a nota e resolvemos perguntar à Professora Miriam Halpern Pereira se, mesmo descontando a sua tenra idade em 1949, se recordaria então de ter reparado nalgum dos títulos na secção de História que, por ação direta de Branquinho de Fonseca, a Biblioteca de Cascais então disponibilizava. Recorde-se que o autor da novela *O Barão* trabalhara arduamente desde 1942 para construir em Cascais uma Biblioteca viva e plural, com oferta nos vários campos do saber, atenta às novidades do mercado editorial seu contemporâneo, nacional e estrangeiro. Uma biblioteca que disponibilizava aos leitores obras da autoria de Lucien Febvre, Marc Bloch, Jaime Cortesão, António Sérgio, entre outros historiadores e ensaístas cujas obras não seriam à época fáceis de encontrar neste tipo de bibliotecas. Ainda que surpreendida pelo facto da Biblioteca de Cascais poder conter obras desta natureza, porquanto, anos mais tarde, a Biblioteca da Faculdade de Letras que então frequentava como estudante permanecia bastante mais conservadora, rapidamente a Professora Miriam nos fez descer à realidade. As obras que obviamente lhe interessavam nesses finais da década de 40 eram, como não podia deixar de ser, as apropriadas à sua idade – entre elas, muito provavelmente, as da Condessa de Ségur e da coleção das Bibliotecas das Raparigas e dos Rapazes, como nos referiu. Uma preferência de leitura, de resto, também tornada possível pelo facto de o mesmo Branquinho da Fonseca reservar na Biblioteca de Cascais um lugar muito especial aos livros para crianças, que acreditava servirem de antecâmara à entrada no mundo maravilhoso da Literatura. O local era, aliás, suscetível de apelar à imaginação dos mais novos: por várias vezes durante a nossa conversa a Professora Miriam Halpern Pereira se referiu à densa vegetação do parque que circundava e fazia parecer algo remota e misteriosa a construção apalaçada que albergava a Biblioteca. Já a sua irmã Ana Halpern, então com 18 anos, é que se recorda de requisitar obras de literatura inglesa, clássica, área em que viria a doutorar-se. Precisamente porque esta era uma Biblioteca que, já então de forma pioneira, permitia que os livros pudessem ser levados



para fora das suas paredes e calmamente desfrutados em ambiente familiar através de empréstimo domiciliário – hoje uma prática universal em bibliotecas públicas.

Ao longo da sua muito preenchida e profícua vida profissional, sobretudo depois do seu regresso de França, onde se doutorou em história pela Sorbonne (1969) e iniciou a sua carreira académica profissional no CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique, Miriam Halpern Pereira nunca deixou de visitar periodicamente Cascais nas mais diversas circunstâncias, já que é uma terra onde conserva profundas ligações afetivas e familiares. Dos concertos no antigo Pavilhão Dramático em Cascais à casa adquirida pelo pai em Sassoeiros, que permaneceu na família até há cerca de 20 anos, são várias as boas recordações que guarda da região. Seguindo a tradição familiar, um dos seus filhos e um dos seus netos são hoje também leitores de uma outra biblioteca pública do concelho, a Biblioteca Municipal de São Domingos de Rana, mais próxima da freguesia onde nasceu, Carcavelos. Uma história longe do fim, portanto!

Cascais, julho de 2013

Cristina Pacheco | Divisão de Animação e Promoção Cultural

Valter Amaral | Biblioteca Municipal de São Domingos de Rana